





O silêncio dos japoneses cristãos: Uma análise historiográfica do filme *Silêncio* (2016)



The silence of the japanese christians: a
historiographical analysis of the film *Silence* (2016)

*Vinicius Sales Barbosa*¹
*Ygor Yuji Utida*²

1 Graduando em História pela Universidade Sagrado Coração (USC). Email: vinisalesb@outlook.com

2 Graduando em História pela Universidade Sagrado Coração (USC). Email: ygoryuji@hotmail.com



Resumo: O presente artigo consiste na análise do filme *Silêncio* (2016), dirigido por Martin Scorsese, que conta a história dos padres jesuítas Sebastião Rodrigues e Francisco Garupe na busca de seu mentor Cristóvão Ferreira nas terras do Japão no século XVII. Primeiramente, este artigo possui o intuito de analisar criticamente a estrutura da película cinematográfica e abordar a importância da trilha sonora para a discussão central proposta pelo diretor. Em seguida, analisar a apresentação das missões jesuítas no filme e, como objetivo central, trabalhar o papel dos cristãos japoneses para a cristianização, segundo a historiografia, e criticar a representação que a obra realiza.

Palavras-chave:

Cinema, Jesuítas no Japão, *Silêncio*, Martin Scorsese.

Abstract: This article consists of the analysis of the film *Silence* (2016), directed by Martin Scorsese, that tells the history of the Jesuit priests Sebastião Rodrigues and Francisco Garupe in the search of its mentor Cristóvão Ferreira in the lands of feudal Japan of century XVII. First, this article intends to critically analyze the structure of the cinematographic film and to address the importance of the soundtrack for the central discussion proposed by the director. Then, to analyze the presentation of the Jesuit missions in the film and, as a central objective, to work the role of the Japanese Christians for Christianization, according to historiography, and to criticize the representation that the work performs.

Keywords:

Cinema, Jesuits in Japan, *Silence*, Martin Scorsese.

Introdução

Mesmo que alguns historiadores possuam receio em trabalhar com fontes filmicas³, há importância na análise deste tipo de material, visto que “o cinema não é apenas uma forma de expressão cultural, mas também um meio de representação”, segundo José D’Assunção Barros⁴.

Devido a esse ponto, foi escolhida a película cinematográfica *Silêncio* (2016), dirigida por Martin Scorsese, com o objetivo de estudá-la e evidenciar a possibilidade de essa obra ser utilizada como instrumento de representação das missões jesuítas no Japão, no século XVII, e o encontro entre o catolicismo europeu e a realidade distinta das populações do Extremo Oriente.

Num primeiro momento, busca-se analisar a estrutura do filme, bem como a conjuntura histórica na qual o enredo se encaixa e, posteriormente, a importância da trilha sonora para a discussão central que o filme apresenta: a dúvida gerada pela falta de fé.

Em seguida, o artigo busca demonstrar a representação das missões jesuítas no filme e, principalmente, como o filme apresenta ao espectador a conversão dos japoneses ao cristianismo e as diversas formas de resistência.

3 KORNIS, Mônica Almeida. *História e cinema: um debate metodológico*. in Estudos históricos, Rio de Janeiro 1992, p. 237.

4 BARROS, José D’Assunção. *Cinema e História - considerações sobre os usos historiográficos das fontes filmicas*. Comunicação & Sociedade: São Paulo. 2011, p. 178.

A estrutura do filme

O cinema contemporâneo tem alguma dificuldade em «representar» o silêncio. Quando aparece, é breve porque a narrativa tem que se desenvolver rapidamente, sob o olhar de uma audiência pouco habituada a se deixar levar pelo tempo da imagem... e pelo tempo do silêncio. O espetador deixa-se seduzir pela artificialidade da imagem (o efeito visual) ou pelo dinamismo da montagem. Há pouco espaço para o silêncio; é a ovelha negra do cinema de hoje. Sinónimo de tempo morto, de espaço em que nada acontece, de momento particularmente entediante, o silêncio é evitado. E quando é utilizado, tem que ser curto para não aborrecer o espetador.⁵

Ainda que a afirmação supracitada aborde que o silêncio seja “sinónimo de tempo morto”, ele é necessário para a discussão que o diretor busca transmitir por meio do filme. Característica principal no filme *Silêncio* (2016) de Martin Scorsese, a trilha sonora, evidenciada pelo “silêncio”, está presente na maioria das cenas e não pode ser caracterizada dessa forma, pois possui o papel principal na construção da atmosfera espiritual durante toda a obra.

Martin Scorsese é um reconhecido diretor de Hollywood e famoso pelos filmes *Taxi Driver* (1976), *Touro Indomável* (1980), *A Última Tentação de Cristo* (1988), *Os Bons Companheiros* (1990), *Gangues de Nova York* (2002), entre outros. De acordo com Manuel Zapatero, a “espiritualidade inunda todas as películas de Scorsese de uma forma mais ou menos religiosas”⁶, aspecto que fica mais evidente no filme *A Última Tentação de Cristo* e em *Silêncio* (2016), sua produção mais recente.

Segundo Zapatero, Scorsese trabalha no filme de 1988 a “a realidade de um Cristo metade humano e metade divino, completamente humano e às vezes completamente divino”⁷, e esse aspecto central pode ser identificado nas dúvidas que Jesus possui sobre sua natureza, uma vez que, se ele não for filho de Deus e se declarar como tal, pode estar cometendo blasfêmia.

Para Scorsese, a tentação de Cristo seria sanar essa dúvida, ter a certeza de que é filho de Deus ou apenas um homem comum e, mesmo após realizar diversos milagres para o povo, essa dúvida ainda acompanhava Jesus em sua crucificação. Nesse ponto, o diretor nos mostra o vislumbre de uma vida comum para Jesus e como apenas a morte consegue levá-lo para salvação e superação desse conflito referente à sua dualidade⁸.

Em *Silêncio* (2016), Martin Scorsese deixa de lado a natureza humana/divina de Jesus Cristo e aborda uma questão essencial ao catolicismo: a dúvida presente na falta de fé.

O filme é baseado no livro *Chinmoku* (1966), de Shusaku Endo⁹, e se passa no século XVII, mais precisamente no ano de 1640, em que se acompanha a jornada dos padres jesuítas Sebastião Rodrigues (Andrew Garfield) e Francisco Garupe (Adam Driver) na procura de seu mentor Cristóvão Ferreira (Liam Neeson) nas terras do Japão.

Os padres sofrem com as perseguições comandadas pelos “Inquisidores” japoneses, característica que será abordada com aprofundamento na segunda parte deste artigo, nesses momentos é que

5 GIL, Inês. O Som do Silêncio no Cinema e na Fotografia. in *Babilônia: Revista Lusófona de Línguas, Culturas e Tradução*, Lisboa, n. 10-11, 2012, p. 177-178.

6 ZAPATERO, Manuel Pereira Del. *Pecado, redención y gracia: la influencia religiosa en el cine de Martin Scorsese*. Artigo (Grado en Comunicación Audiovisual) - Universidad de Sevilla, Sevilla, 2017, p. 3.

7 ZAPATERO, Manuel Pereira Del. *Pecado, redención y gracia: la influencia religiosa en el cine de Martin Scorsese*. Artigo (Grado en Comunicación Audiovisual) - Universidad de Sevilla, Sevilla, 2017, p. 9.

8 Idem. p. 11.

9 “Endo era católico e suas dúvidas sobre o efeito da cultura sobre a crença religiosa começaram quando foi ao Ocidente, realizar seus estudos na Universidade de Lyon, tendo sobre ele grande impacto a expressividade da religiosidade católica na nossa cultura”, conforme trabalhado por Samara Leonel (2011, p. 144).

Scorsese os faz questionar a existência de Deus, colocando em xeque a fé dos padres.

Antes de adentrar precisamente na análise da discussão proposta, faz-se necessário abordar a conjuntura política e econômica apontadas pelo filme. O período Cristão no Japão é compreendido entre os anos de 1543 e 1639, sendo uma época intensa para a região, uma vez que marcou o início das relações entre europeus e japoneses, estas sendo impulsionadas pelo comércio e também pela religião¹⁰.

Quando se trabalha a política e economia no Oriente do século XVII é indispensável elencar Macau, grande núcleo comercial oriental proveniente da relação entre China e Japão, que foi colocada como centro do mundo pelos orientais, da mesma forma que a Europa pelos europeus, e responsável por provocar grande choque e intercâmbio cultural entre Ocidente e Oriente¹¹.

A representação de Macau é realizada apenas de forma imagética pelo filme, uma vez que a passagem dos dois padres jesuítas pela cidade é breve e apenas em busca de um guia para as terras japonesas, ou seja, não há explicações sobre o comércio, de forma a não deixar claro ao espectador a importância dessa cidade para a conjuntura da época. A diversidade de culturas presentes na cena só é identificada pelos olhos do historiador, uma vez que é possível verificar vestimentas europeias em mercadores, o que prova a inserção da Europa no comércio com o Oriente, conforme pode ser visto na Imagem 1. O cenário concede ao espectador uma viagem ao século XVII, de forma que a ambientação seja um dos pontos altos do filme.



Imagem 1, Jesuítas em Macau, 8 min. 41 seg.

A historiografia sobre o período aborda que o interesse europeu na região não foi estritamente econômico, da mesma forma que o foco jesuíta não foi apenas religioso, mas sim que houve uma relação de dependência entre os dois.

Segundo Mihoko Oka¹², os jesuítas se envolveram no comércio “visando com os ganhos provenientes destas actividades adquirirem uma base económica de sustentação e expansão da missão no Extremo-Oriente”, no caso dos comerciantes, um dos fatores que os fizeram se aliar à ordem religiosa foi o seu “entendimento da língua, da cultura e das estruturas

10 SÁ, Michele Eduarda Brasil De. JESUÍTAS NO JAPÃO – CONFLITOS RELIGIOSOS E A POLÍTICA DO SAKOKU. in *Revista Litteris*, Rio de Janeiro, n. 14, 2014, p. 252.

11 LEÃO, Jorge Henrique Cardoso. COMERCIANTES PORTUGUESES E MISSIONÁRIOS NO JAPÃO. in *Revista Brasileira de História das Religiões*, Maringá, ANO II, n. 5, 2009, p. 288.

12 OKA, Mihoko. Os Jesuítas e o comércio entre Macau e o Japão. in *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, Lisboa, ANO VII, n. 13-14, 2008, p. 359.

políticas e até mesmo das estruturas econômicas dessas civilizações”, conforme aborda o historiador Jorge Leão¹³, com esses apontamentos é possível verificar um compartilhamento de interesses entre os dois. O filme *Silêncio* não se propõe a trabalhar esse aspecto e não há cenas que mostrem um resquício dessa relação comercial, com isso não pode ser um objeto de estudo para esse diálogo entre comerciantes e jesuítas.

Entretanto, a obra aborda o declínio das atividades dos comerciantes portugueses e dos jesuítas com cenas sobre as relações comerciais estabelecidas entre japoneses e holandeses, estes “levavam bons presentes e concordavam em pagar impostos sobre os produtos importados e exportados, o que favoreceu a sua atividade comercial”, de acordo com Michele de Sá¹⁴. Ao mostrar esse aspecto comercial nos minutos finais do filme, Scorsese também concede ênfase à queda do Cristianismo no Japão, ao colocar os padres Sebastião e Ferreira, ambos apóstatas¹⁵, para identificar e apreender produtos exteriores de cunho cristão.

O declínio não se deu apenas no meio comercial, existiu também a decadência cultural, porque não se pode encarar que os europeus priorizaram as trocas culturais em sua relação com os orientais, uma vez que:

[...] os comerciantes estavam mais interessados no próprio comércio do que em qualquer outra coisa. O fato, por exemplo, deles, assim como dos primeiros missionários terem aprendido as línguas locais e até mesmo o sistema numérico e de escrita, não significa que os mesmos tiveram uma visão antropológica¹⁶.

É possível verificar, a partir da informação supracitada que o interesse dos comerciantes foi, na maioria das vezes, de cunho comercial. O choque cultural existiu, principalmente, nas relações entre os jesuítas e japoneses, nas quais há confusões de assimilação dos conceitos religiosos católicos pelos orientais e que o filme elenca muito bem.

Pântano Japonês é um termo muito utilizado pelo diretor para trabalhar esse choque cultural entre os japoneses e os jesuítas, este foi criado por Shusaku Endo em sua obra (na qual o filme é baseado), e aborda justamente que o Japão “aceita as influências externas, mas em seu seio acaba transformando tudo o que abriga”, de acordo com Samara Leonel¹⁷, com isso, nenhuma cultura floresce no Japão sem sofrer adaptações.

Tendo essa característica em mente, é possível entender como surge a confusão na assimilação pelos japoneses dos novos signos, conceitos católicos e sobre a natureza divina do Deus do Cristianismo:

Para o escritor, uma das principais barreiras culturais de seu povo para a assimilação da fé cristã seria a profunda conexão deuses/homens/natureza que está na base do Xintoísmo, a religião original japonesa, o que lhes roubaria a capacidade de compreender a transcendência, de compreender Deus como estando acima do homem e fora dele – conceito essencial para o Catolicismo¹⁸.

13 LEÃO, Jorge Henrique Cardoso. COMERCIANTE PORTUGUESES E MISSIONÁRIOS NO JAPÃO. Op. Cit. ANO II, n. 5, 2009, p. 281.

14 SÁ, Michele Eduarda Brasil De. JESUÍTAS NO JAPÃO – CONFLITOS RELIGIOSOS E A POLÍTICA DO SAKOKU. *Revista Litteris*, Rio de Janeiro, n. 14, 2014, p. 262.

15 Quem renega a crença da qual fazia parte, neste caso, ambos renegaram o Cristianismo.

16 LEÃO, Jorge Henrique Cardoso. COMERCIANTE PORTUGUESES E MISSIONÁRIOS NO JAPÃO. Op. Cit. ANO II, n. 5, 2009, p. 285.

17 LEONEL, Samara. “SILÊNCIO”, DE SHUSAKU ENDO, E O CATOLICISMO JAPONÊS: UMA INVENÇÃO DO OCIDENTE?. *Literatura e Autoritarismo: Processo de identificação e políticas da (in) diferença*, Santa Maria, n. 18, 2011, p. 144.

18 Idem. p. 145.

Por exemplo, em uma cena de batismo (Imagem 2), realizado pelos jesuítas Sebastião e Garupe, os pais da criança perguntam aos padres se agora seu filho possui passagem para o Paraíso, e eles respondem que não é dessa forma que se consegue a ida aos céus. Ou seja, o diretor deixa claro que os japoneses não compreendiam o ideal de vida cristã – buscando sempre fazer o bem para serem salvos – que os jesuítas foram propagar. O entendimento deles era baseado no que ocorria no momento e nessa ligação com o espiritual e natural.



Imagem 2, Batismo, 25min27seg

Segundo Samara Leonel¹⁹, outras diferenças culturais que podem ser elencadas são: “além da dificuldade de assimilação de um deus único, severo e transcendente, existiam sérias divergências nas ideias de pecado e culpa”, esta última sendo exposta na figura do japonês Kichijiro, responsável por guiar os dois padres pelo Japão e entregá-los aos “Inquisidores”. Ele pensava que ao pedir perdão estaria redimido de todos os erros.

É a partir desse encontro cultural que Scorsese fundamenta a discussão central de seu filme: o Deus do Catolicismo está presente em todos os momentos? Para responder a essa questão, o diretor, por meio das dificuldades vividas pelos personagens principais, trabalha a dúvida gerada pela falta de fé.

Ainda que as dificuldades significassem provações para os jesuítas e os fizessem se identificar com Jesus Cristo²⁰, as perseguições promovidas pelos “Inquisidores” japoneses levavam os padres a duvidarem da presença de Deus e, conseqüentemente, de sua existência.

Em diversas cenas, o padre Sebastião se questionava sobre a presença de Deus diante dos percalços. E para transmitir a sensação de isolamento espiritual para o espectador, Scorsese utiliza o silêncio como trilha sonora em alguns momentos.

Segundo Bernardo Alves²¹, “o Silêncio encontra seu espaço na trilha sonora cinematográfica e também é um elemento importante”, e ao utilizá-lo o diretor concede uma dramaticidade maior nas cenas e, no caso do *Silêncio*, na obra inteira.

De acordo com Maria Regina Silva²², podemos dividir a trilha sonora em três tipos que se

19 Idem. p. 149.

20 TOIPA, Helena Costa. Padre Sebastião Vieira, sob a palma do martírio. A Companhia de Jesus no Japão. *Revista Máthesis*, Lisboa, n. 19, 2010, p. 44.

21 ALVES, Bernardo Marquez. Trilha sonora: o cinema e seus sons. *Revista Novos Olhares*, USP, v. 1, n. 2, 2012, p. 94-95.

22 SILVA, Marcia Regina Carvalho da. De olhos e ouvidos bem abertos: uma classificação dos sons do cinema. *Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Rio de Janeiro, 2005, p. 5.

complementam: o primeiro, chamado de Não Representativo, é a música em si; o segundo, de nome Figurativo, são os sons do ambiente e da natureza; o terceiro e último, chamado de Representativo, são as vozes e diálogos dos personagens. O primeiro tipo é excluído da obra analisada, dessa forma o diretor concede ênfase para o segundo e terceiro.

Ao trabalhar o som Figurativo (segundo tipo) em toda a película, Scorsese tenta manter a ideia da presença da crença japonesa e sua relação muito forte com a natureza, ou seja, ainda que os jesuítas promovam missões no Japão, a base do Xintoísmo não deixa de ser consistente para o povo.

E é nesse silêncio proposital, responsável por conceder nome à obra, que reside o questionamento, transmitido por meio da dúvida dos personagens principais: Deus ainda se encontra presente em uma terra que o rejeita? Ele nunca esteve presente com os missionários, ou o choque cultural promovido pelo pântano japonês os fez pensar dessa forma? Scorsese não responde à pergunta, mas a deixa em aberto para que o espectador reflita, porque, mesmo após apostatar, Sebastião é cremado com uma cruz em mãos; o filme aborda que é costume de funeral japonês. (Imagem 3).



Imagem 3, Sebastião sendo cremado, 2h33min50seg

Discussão historiográfica sobre as perseguições

Tendo abordado o contexto político e econômico da época, bem como a discussão espiritual proposta pelo diretor, é necessário realizar críticas à representação das perseguições no filme.

Na historiografia, as perseguições aos cristãos tiveram como objetivo conter o avanço do ocidente no Japão²³. Essas perseguições foram iniciadas por Toyotomi Hideyoshi, o segundo *kampaku* (regente do imperador) responsável pela unificação do Japão²⁴. O primeiro *kampaku* da unificação anterior ao Hideyoshi, Oda Nobunaga, permitiu a expansão²⁵ do cristianismo por conta da receptividade dos japoneses em relação ao mesmo.²⁶

23 SAKURAI, Célia. *Os japoneses*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 106-132.

24 Idem. p. 103.

25 O cristianismo no Japão já existia desde a chegada do jesuíta Francisco Xavier em 1549. Para Francisco, o Japão era uma terra fértil para propagar o cristianismo, graças à curiosidade dos japoneses no aprendizado da cultura europeia. (COSTA; LACERDA, 2007, p. 64-65).

26 YAMASHIRO, José. *Japão: Passado e Presente*. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão, 1997, p. 154.

Nobunaga teve uma relação forte com o comércio europeu, graças à ajuda obtida em suas guerras de unificação no território japonês. Essa ajuda era relacionada com a introdução da tecnologia militar, como, por exemplo, as armas de fogo²⁷.

Além da evangelização, as missões trouxeram diversos benefícios para a população com a construção dos leprosários, orfanatos e asilos, o combate contra o abandono de filhos, e o desenvolvimento da medicina²⁸. Por meio dos jesuítas, alguns *daimiô* (Aristocracia Guerreira) conseguiam vantagens comerciais com a importação das armas de fogo²⁹. Portanto, é perceptível a importância dos padres para o Oda Nobunaga, que buscava ao mesmo tempo a unificação territorial e política.

Após a morte de Oda Nobunaga, Toyotomi Hideyoshi iniciou o processo para apagar a influência política da Europa no Japão. Diante do cenário das disputas entre católicos e protestantes ao redor do globo, e da influência dos europeus no território nipônico, foi aplicada a política de perseguição ao estrangeiro cristão e a todos que aderissem à religião ocidental³⁰.

Esse projeto político foi desenvolvido e aplicado com mais vigor durante o xogunato de Tokugawa Ieyasu, responsável pela unificação do país³¹. Com o poder unificado e centralizado, o isolamento do país foi planejado e realizado pelos Tokugawa, a fim de desenvolver o Japão “e o favorecimento de uma ‘identidade nacional’ em oposição à ‘cultura estrangeira’”³².

Então, como ficavam os jesuítas dentro dessa situação? De acordo com Jorge Leão, “muitos missionários passaram a viver clandestinamente no país e foram chamados de *kakure kirishitan*, ou cristão escondido. Os católicos utilizaram inúmeros mecanismos para se camuflar entre a população no intuito de não levantarem suspeitas”³³.

As missões continuaram secretamente. Essas comunidades camufladas difundiram o cristianismo e resistiram às perseguições até 1685, quando os Tokugawa investiram pesado para acabar com o cristianismo e a presença portuguesa³⁴. Mesmo que existisse o risco de serem encontrados, a morte seria utilizada para propagar a fé. Segundo Hichmeh, a martirização seria uma tática para se opor a estratégia do bakufu (governo do seitai-xógum) de Tokugawa. A morte simbolizava a vitória sobre o ideal que defendia, e esse sentimento de heroísmo contagiava os demais religiosos e os japoneses que decidiram abraçar a fé católica³⁵.

Apesar do sacrifício pessoal em prol da crença ser correto para esses jesuítas, nem todos os missionários se sacrificaram. Os missionários apóstatas são uma minoria que negaram a fé para que continuassem vivos após uma série de torturas. Um desses missionários, que está presente no filme, é o padre Ferreira, que apostatou após ser pendurado em um fosso por cinco horas³⁶. Após a apostasia, Ferreira escreveu críticas e a sua atual relação com o cristianismo.

27 SAKURAI, Célia. Op.Cit. 2008, p. 101.

28 YAMASHIRO, José. *Japão: Passado e Presente*. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão, 1997, p. 154-155.

29 Idem. p. 155.

30 Idem. p. 156-157.

31 SAKURAI, Célia. *Os japoneses*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 106-110.

32 Idem. p.124.

33 LEÃO, Jorge Henrique Cardoso. Os jesuítas e a participação dos auxiliares japoneses na missão nipônica. *ANGELUS NOVUS*, São Paulo, ANO IV, n. 6, 2013, p. 70.

34 Idem. p. 70.

35 HICHMEH, Yuri Sócrates Saleh. O MARTÍRIO COMO TÁTICA DE RESISTÊNCIA CRISTÃ NO JAPÃO DO SÉCULO XVII. *XXIX História Nacional Simpósio - Contra os preconceitos: História e Democracia*, Brasília, 2017, p.7.

36 HICHMEH, Yuri Sócrates Saleh. O MARTÍRIO COMO TÁTICA DE RESISTÊNCIA CRISTÃ NO JAPÃO DO SÉCULO XVII. *XXIX História Nacional Simpósio - Contra os preconceitos: História e Democracia*, Brasília, 2017, p. 14.

A apostasia de Cristóvão Ferreira abalou a confiança da cristandade japonesa na Companhia e seus representantes por dois motivos principais: o alto cargo do padre, cujas ações deveriam ser tidas como exemplos aos demais jesuítas, e, posteriormente, a escrita de suas memórias e críticas ao cristianismo, *Decepções Reveladas*, que é dividida em seis partes, além da introdução.³⁷

Fabian Fukan também foi um dos que apostatou. Fukan foi um japonês que se converteu ao cristianismo e criou a obra *Myôtei Mondô* para defender a sua religião. Porém, ele apostatou e criou a obra *Ha Daiusu* como forma de crítica à religião cristã³⁸. Por meio dos escritos e da trajetória do Ferreira e Fukan, percebemos o choque cultural imposto pelo sistema político japonês e a hostilidade dos bonzos e da população gentia em relação aos jesuítas³⁹, portanto, a apostasia foi uma forma de sobrevivência dos cristãos, e isso é muito bem representado no filme. Em outras palavras, foi uma estratégia eficaz para a aniquilação do cristianismo no solo japonês, visto que a morte de cristão só gerava novos adeptos.

Considerações Finais

O filme *Silêncio* apresenta a perspectiva jesuítica diante das adversidades presentes no Japão. A incompreensão dos portugueses é demonstrada como uma ignorância em relação ao contexto político e cultural do Japão. Um ponto forte do filme é apresentar os conflitos políticos nos diálogos e debates entre Sebastião e Inoue. No filme, Inoue é chamado de inquisidor, porque foi responsável pelas perseguições. Em um desses debates, é dito por Sebastião que a religião cristã foi arrancada da sua raiz, enquanto Inoue diz que o Japão é um pântano no qual nada cresce. Se analisarmos bem esse diálogo, ocorre um choque cultural, visto que os japoneses não enxergavam o ser divino da mesma maneira que os católicos europeus. Para os japoneses, a ligação com o divino e a natureza era diferente em relação às outras civilizações⁴⁰. Portanto, não há possibilidade do Cristianismo prosperar no Japão devido à diferença de compreensão divina, esse é o sentido de que nada floresce no pântano argumentado por Inoue.

Inoue e seus subordinados não possuíram interesse em matar os cristãos, logo o problema não é religioso, e sim político. Os conceitos a respeito do conflito político não são trabalhados, porém é explícito o motivo por trás das torturas. É contra a lei existir um cristão, ou melhor, um europeu e o seu resqúicio no solo japonês. É nessa hostilidade que se encontrava Sebastião Rodrigues, que via a sua religião e sua origem sendo arrancadas da terra.

O jesuíta Rodrigues sofreu diversas torturas psicológicas que consistiam em ver seus companheiros cristãos sendo mortos (Imagem 4), pois não queria apostatar. Então, no final do filme, adotou a mesma postura do Ferreira: apostatou para proteger os que estavam sofrendo por sua causa. À medida que conhecemos mais os apóstatas ao decorrer do filme, é demonstrado que eles não perderam realmente a sua fé, tiveram que negar a Cristo para o bem de outros cristãos. Na historiografia, não há indícios de que o padre Ferreira realmente acreditasse ainda na sua religião, por mais que não houvesse indícios de que ele tenha entregado algum praticante cristão para a autoridade.

37 Idem. p. 15.

38 BERNABÉ, Renata Cabral. Fabian Fukan: As duas faces do cristianismo japonês. *Estudos Japoneses*, São Paulo, n. 34, 2014, p. 126-129.

39 LEÃO, Jorge Henrique Cardoso. Os jesuítas e a participação dos auxiliares Japoneses na missão nipônica (1549 - 1614). *Angelus Novus*, São Paulo, ANO IV, n. 6, p. 63, 2013.

40 SAKURAI, Célia. *Os japoneses*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 11.



Imagem 4, Japoneses cristãos sofrendo a tortura da cova, 2h15min17seg

Os missionários foram bem trabalhados em diversos aspectos: emocional, político e o seu foco para evangelização. Emocional em relação ao sacrifício pela Igreja Católica, como foi citado anteriormente no artigo de Yuri Hichmeh⁴¹ sobre o martírio dos jesuítas. O aspecto político está relacionado à expansão do catolicismo e da cultura europeia entre os japoneses. O seu foco para a missão evangelizadora é mostrado como figura resistente à “inquisição” japonesa, mesmo que vivendo secretamente, praticavam pequenos cultos e ritos em comunidade.

Os cristãos japoneses não são mostrados como figura evangelizadora, deixando esse papel para os jesuítas que vieram para a sua terra, pois eles detinham “a verdadeira religião”. No filme, o máximo que os japoneses podiam fazer era realizar batismo e fazer pequenos encontros para adorar. Aqui entramos em um dos problemas do nosso artigo – a crítica dessa representação no filme. No artigo de Maria de Deus Manso e Lúcio de Souza, é dito que os jesuítas aceitaram a ajuda dos japoneses na Companhia de Jesus, que são os catequistas japoneses. Houveram três fundamentos principais para aceitação

O primeiro fundamento anotado sustentava que a existência de sacerdotes autóctones facilitaria a conversão do Japão. [...] A segunda razão consistia no facto de os japoneses serem ‘brancos’ e de ‘engenho capaz para as letras’. [...] A terceira razão prende-se com a grande dimensão do Japão, daí resultar a indispensabilidade de um maior contingente de padres para colmatar o défice permanente de eclesiásticos no Extremo-Oriente⁴².

Então, onde estão esses japoneses? Apenas um personagem retrata esse aspecto, que seria o Ichizo. Ele fazia o seu trabalho de catequista na vila onde morava. Não são citados outros catequistas durante o filme, nem mesmo se foram mortos ou se ainda continuam o seu trabalho. Analisando a citação anterior dos historiadores Maria de Deus Manso e de Lúcio de Souza, percebemos a importância desses japoneses para a propagação e a continuação do cristianismo, tanto pela facilidade do contato cultural quanto em número.

Apesar de a película retratar as perseguições e o seu contexto político no Japão, há

41 HICHMEH, Yuri Sócrates Saleh. O MARTÍRIO COMO TÁTICA DE RESISTÊNCIA CRISTÃ NO JAPÃO DO SÉCULO XVII. *XXIX História Nacional Simpósio - Contra os preconceitos: História e Democracia*, Brasília, 2017, p. 7.

42 MANSO, Maria De Deus Beites; SOUZA, Lúcio De. Matizes jesuítas: O perfil do clero nativo japonês. *Perspectivas - Portuguese Journal of Political Science and International Relations*, Évora, n. 10, 2013, p. 120-121.

um enaltecimento da figura dos jesuítas. A imagem do herói é apresentada ao espectador, deixando o papel do evangelizador apenas aos jesuítas e os cristãos japoneses como fiéis seguidores. Por conta do interesse de foco do próprio diretor, os catequistas japoneses acabam ficando de lado, mesmo com sua grande influência na propagação do cristianismo. Como a longa-metragem tem o seu foco voltado aos portugueses, ou seja, a visão do ocidente sobre o oriente acabou resguardando as visões dos cristãos japoneses, apresentando eles apenas como uma imagem: o povo perseverante em Cristo e que resistiam até a morte pela fé.

Referências

Filmografia Específica

SILÊNCIO (2016). Direção: Martin Scorsese. Estados Unidos da América: Paramount Pictures, (161 min).

Livros

COSTA, João Paulo Oliveira E; LACERDA, Teresa. **A interculturalidade na expansão portuguesa: Séculos XV-XVIII**. 1 ed. Lisboa: Paulinas, 2007. p. 64-65.

SAKURAI, Célia. **Os japoneses**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11-132.

YAMASHIRO, José. **Japão: Passado e Presente**. 3 ed. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão, 1997. p. 154-157.

Artigos

ALVES, Bernardo Marquez. Trilha sonora: o cinema e seus sons. **Revista Novos Olhares, USP**, v. 1, n. 2, p. 90-95, 2012.

BARROS, José D'Assunção. Cinema e História - considerações sobre os usos historiográficos das fontes filmicas. **Comunicação & Sociedade**, São Paulo, Ano 32, n. 55. p. 175-202, 2011. BERNABÉ, Renata Cabral. Fabian Fukun: As duas faces do cristianismo japonês. **Estudos Japoneses**, São Paulo, n. 34, p. 122-134, 2014.

GIL, Inês. O Som do Silêncio no Cinema e na Fotografia. **Babilônia: Revista Lusófona de Línguas, Culturas e Tradução**, Lisboa, n. 10-11, p. 177-178, 2011.

HICHMEH, Yuri Sócrates Saleh. O Martírio como Tática de Resistência Cristã no Japão do Século XVII. **XXIX História Nacional Simpósio - Contra os preconceitos: História e Democracia**, Brasília, p. 7-15, jul. 2017.

KORNIS, Mônica Almeida. História e cinema: um debate metodológico. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 237-250, 1992.

LEÃO, Jorge Henrique Cardoso. Comerciantes Portugueses e Missionários no Japão. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, ANO II, n. 5, p. 281-288, set. 2009.

LEÃO, Jorge Henrique Cardoso. Os jesuítas e a participação dos auxiliares Japoneses na missão nipônica (1549-1614). **Angelus Novus**, São Paulo, ANO IV, n. 6, p. 70, 2013.

LEONEL, Samara. “Silêncio”, de Shusaku Endo, e o Catolicismo Japonês: uma invenção do Ocidente? **Literatura e Autoritarismo: Processo de identificação e políticas da (in) diferença**, Santa Maria, n. 18, p. 144-149, jul./dez. 2011.

MANSO, Maria De Deus Beites; SOUZA, Lúcio De. Matizes jesuítas: O perfil do clero nativo japonês. **Perspectivas - Portuguese Journal of Political Science and International Relations**, Évora, n. 10, p. 120-121, jun. 2013.

OKA, Mihoko. Os Jesuítas e o comércio entre Macau e o Japão. **Revista Lusófona de Ciência das Religiões**, Lisboa, ANO VII, n. 13-14, p. 359, 2008. SÁ, Michele Eduarda Brasil De. Jesuítas no Japão – Conflitos Religiosos e a Política do Sakoku. **Revista Litteris**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 252-262, set. 2014.

TOIPA, Helena Costa. Padre Sebastião Vieira, sob a palma do martírio: A Companhia de Jesus no Japão. **Revista Máthesis**, Lisboa, n. 19, p. 44, 2010.

SILVA, Marcia Regina Carvalho da. De olhos e ouvidos bem abertos: uma classificação dos sons do cinema. **Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Rio de Janeiro, 05 a 09 de setembro de 2005.

ZAPATERO, Manuel Pereira Del. Pecado, redención y gracia: la influencia religiosa en el cine de Martin Scorsese. Artigo (**Grado en Comunicación Audiovisual**) - **Universidad de Sevilla**, Sevilla, p. 3-11, 2017.